



## ESTADOS UNIDOS

Mandel Ngan/AFP



# Relação redesenhada

Especialistas avaliam mudanças no tratamento dispensado pela Casa Branca à América Latina e preveem campanha de intimidação de Trump aliada ao protecionismo. Eles consideram difícil uma reação concertada às políticas de Washington

» RODRIGO CRAVEIRO

Ainda que breve, a crise entre Colômbia e os Estados Unidos, somada a uma declaração do presidente Donald Trump a jornalistas, acendeu o alerta sobre uma reformulação da política da Casa Branca para a América Latina e o Brasil. “Eles precisam de nós, muito mais do que nós precisamos deles. Não precisamos deles. Todos precisam de nós”, disse o republicano, horas depois da posse, em 20 de janeiro. No domingo, a negativa do líder colombiano, Gustavo Petro, em autorizar o pouso de aviões militares com imigrantes deportados levou Trump a anunciar sanções a Bogotá. Depois de horas de tensão, o governo Petro reuiu, na madrugada de ontem, e anunciou que os aviões pousariam na capital colombiana. O governo do Brasil também externou repúdio ante a chegada de imigrantes algemados e acorrentados pelos pés.

Por sua vez, Honduras convocou uma reunião de presidentes e chefes de Estado da Comunidade de Estados da América Latina e do Caribe (Celac), na quinta-feira, para debater a imigração. Para o brasilianista James Naylor Green, historiador político da Universidade Brown (em Rhode Island), Trump planeja um ataque agressivo à América Latina. “Isso ficou revelado na ameaça de tomada do Canal do Panamá e, agora, na imposição de uma tarifa de 25% sobre a Colômbia, o que levou Petro a retroceder. O republicano sabe que esta pode ser uma ferramenta eficaz para forçar a América Latina a concordar com suas políticas ou, pelo menos, não se opor abertamente a elas. O esforço para construir uma frente unida de nações latino-americanas para se levantar contra sua intimidação talvez seja uma das poucas opções. Mas essa unidade é algo difícil de se obter”, disse ao **Correio**.

Professor de ciência política do Amherst College, em Amherst (Massachusetts), Javier Corrales avalia que a política de Trump para a América Latina representa uma

Nicholas J. De La Pena/DVIDS/AFP



imensa mudança. “O protecionismo, a penalização e a intimidação estão aumentando. Trump gosta mais da ideia de pressionar os aliados dos EUA do que inimigos. Ele sente que os parceiros comerciais e militares tiram vantagem do país e se envolvem em parasitismo”, explicou à reportagem. “Ele fala sério quando diz que não acha que a economia dos EUA se beneficia muito dos laços com a América Latina. A indicação de Marco Rubio, um especialista na região, para secretário de Estado não foi motivada pelo desejo de elevar a América Latina em temas de segurança dos EUA, mas pelo fato de ele ser um político leal.”

De acordo com Corrales, a América Latina sempre teve problemas para traçar uma reação coordenada, quando se trata dos EUA. “Não imagino que haverá uma frente unida contra Trump, mas todos denunciarão um retorno às políticas dos EUA do início do século 20”, afirmou. Ele aposta em três modos

**A ordem é deter até 1,5 mil imigrantes ilegais por dia**  
Autoridades do governo Trump determinaram à Imigração e Fiscalização Aduaneira dos EUA um “aumento agressivo” no número de detenções diárias de imigrantes não documentados. A determinação é ampliar de algumas centenas de prisões para entre 1,2 mil e 1,5 mil por dia, revelou o jornal *The Washington Post*. A justificativa é a de que Trump estaria decepcionado com os resultados da campanha de deportação em massa. No domingo, foram capturados 956 imigrantes.

de responder ao governo do republicano. “Um deles é evitar conflitos e dizer ‘sim’ a tudo. Outro é se envolver em um confronto público, em um esforço para reunir apoio de setores anti-imperialistas. Uma terceira possibilidade é negociar com Trump sobre questões com as quais ele se importa, como a imigração, em troca de favores, como silenciar-se sobre questões de governança doméstica.”

O especialista de Amherst acredita que a Casa Branca obrigará mais presidentes a buscarem laços sólidos com a China. Miguel Tinker Salas — historiador e cientista

político do Pomona College (em Claremont, Califórnia) — explicou ao **Correio** que o republicano busca projetar o poder dos EUA na relação com a América Latina, ainda que o mesmo tenha limites.

“Suas ações poderiam desestabilizar a região, que não está preparada para receber milhares, ou milhões, de imigrantes”, alertou. Seguindo ele, as deportações não impactarão somente a América Latina. “Indústrias inteiras nos EUA dependem de mão de obra imigrante, sem a qual elas poderiam entrar em colapso, levando à inflação e à escassez em território americano.”

Historiadora da Universidade da Califórnia (Ucla) e diretora da cátedra de história da América Latina, Robin Derby entende que as políticas de Trump para a América Latina estão apenas tomando forma. Para ela, as prioridades do novo presidente não estão claras, mas parecem ser transacionistas por natureza, e não governadas pelo nacionalismo ou pela ideologia. “O fato de Marco Rubio ter sido nomeado secretário de Estado indica que isso pode mudar, especialmente devido à ênfase do governo na imigração”, sustentou.

Derby lembrou que, no primeiro mandato, as únicas políticas em relação à América Latina contemplavam o endurecimento das sanções a Cuba e à Venezuela. “Trump fez uma visita à América Latina durante o primeiro mandato. Seus comentários recentes sobre a Groenlândia e o Canal do Panamá parecem estar se inclinando para uma visão expansionista dos EUA mais do século 19”, afirmou ao **Correio**.

## Cerca na Argentina

Uma cidade do norte da Argentina lançou uma licitação para instalar uma cerca de 200m em sua fronteira com a Bolívia, com o objetivo de conter travessias ilegais de pessoas e contrabando, o que causou “preocupação” no país vizinho. “Foi solicitada a construção de uma cerca linear [...] para evitar que as pessoas cheguem à cidade sem passar pela migração”, disse à *Radio Mitre* Adrián Zigarán, interventor da cidade de Aguas Blancas, na província de Salta, que substituiu o prefeito enquanto este enfrenta uma acusação por obstrução de uma investigação criminal.

Zigarán confirmou um anúncio que tinha feito na sexta-feira em diálogo com o meio de comunicação local *Nuevo Diario de Salta*, e que provocou reações da diplomacia boliviana. Em comunicado emitido no domingo, o Ministério das Relações Exteriores da Bolívia expressou “preocupação” pelo anúncio e frisou que os temas fronteiriços devem ser tratados por mecanismos de diálogo bilaterais, pois “qualquer medida unilateral pode afetar a boa vizinhança e a convivência pacífica entre povos irmãos”.

A construção da cerca se insere no “Plano Güemes”, que o governo do presidente argentino, Javier Milei, lançou em dezembro do ano passado para “combater os crimes federais” — como o tráfico de drogas — na fronteira de Salta (norte), focado nas duas cidades fronteiriças mais importantes, Aguas Blancas e Orán, situadas a cerca de 1.600km de Buenos Aires.

De dois metros e meio de altura, a grade será instalada no trajeto entre o escritório de migração e o terminal de ônibus, que está em frente à praia do Rio Bermejo, a fronteira natural entre Argentina e Bolívia e por onde, segundo Zigarán, pessoas atravessam de forma ilegal de e para essa cidade de cerca de três mil habitantes.

## ORIENTE MÉDIO

# Milhares de palestinos retornam ao norte de Gaza

Dezenas de milhares de palestinos deslocados pela guerra começaram a voltar para o que restou de suas casas, no norte da Faixa de Gaza, depois que Israel e o grupo terrorista Hamas acordaram a libertação de outros seis reféns no marco da trégua. Segundo o governo do Hamas, 300 mil deslocados retornaram, ontem, ao norte do território, depois de 15 meses de guerra. O acordo de cessar-fogo, vigente desde 19 de janeiro, abre a porta para uma nova troca de reféns por presos palestinos. As imagens da agência

France-Presse mostram diversos habitantes de Gaza, homens, mulheres e crianças, caminhando, carregados de malas ou empurrando carroças, pela estrada costeira para o norte do território palestino.

Longas filas de veículos se formaram em Nuseirat, em virtude da previsão da abertura da passagem para os automóveis, o que deve acelerar ainda mais esse enorme movimento de retorno. O movimento islamista palestino se comprometeu, na noite de domingo, a libertar três reféns nesta quinta-feira, incluindo Arbel Yehud, uma civil de 29

Bashar Taleb/AFP



Palestinos caminham pela rodovia AL-Rashid, à margem do Mediterrâneo

anos, e Agam Berger, de 20, sequestrada enquanto cumpria serviço militar perto de Gaza. E mais três no sábado.

O gabinete do premiê israelense, Benjamin Netanyahu, indicou que o Hamas entregou “uma lista com a situação de todos os reféns”. O governo israelense disse que oito dos reféns que poderiam ser libertados nas próximas semanas estão mortos.

## Felizes e tristes

Milhares de palestinos retornam ao norte de Gaza com

sentimentos contraditórios. “É uma sensação incrível voltar para casa, se ainda houver uma, para sua família, para seus entes queridos”, diz Ibrahim Abu Hassera, no meio da multidão. “Nós estamos felizes, mas tristes, ao mesmo tempo, pois perdemos muitos familiares. Meu filho é um mártir”, afirma uma avó, Entisar Al Saedi.

De acordo com o governo da Faixa de Gaza, serão necessárias 135 mil barracas e caravanas na Cidade de Gaza e na região norte, onde mais de 90% dos edifícios foram destruídos.